

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NOTURNO

Bibiana Ennes Pozzebon

**A percepção dos professores do curso de Educação Especial
sobre as altas habilidades/superdotação**

Santa Maria - RS
2020

Bibiana Ennes Pozzebon

A percepção dos professores do curso de Educação Especial sobre as altas habilidades/superdotação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Especial noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Educação Especial**.

Orientadora: Prof^a Dra. Tatiane Negrini

Santa Maria- RS
2021

Bibiana Ennes Pozzebon

A percepção dos professores do curso de Educação Especial sobre as altas habilidades/superdotação

Aprovado em 10 de setembro de 2021.

Profª Dra. Tatiane Negrini

Profª Dra. Sabrina Fernandes de Castro

Profª Dra. Nara Joyce Wellausen Vieira

Santa Maria - RS
2021

RESUMO

A percepção dos professores do curso de Educação Especial sobre as altas habilidades/superdotação

AUTORA: Bibiana Ennes Pozzebon

ORIENTADORA: Tatiane Negrini

O presente estudo fez parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Especial - noturno que teve como foco promover discussões sobre o tema das altas habilidades/superdotação (AH/SD) baseadas nas percepções de professores do curso de Educação Especial sobre o alunado com AH/SD. Dentre os objetivos do estudo, buscou-se compreender a percepção dos professores do curso de Educação Especial noturno da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM sobre o sujeito com altas habilidades/superdotação. Quanto aos aspectos metodológicos, foi realizada uma pesquisa qualitativa com abordagem exploratória, fazendo uso de um estudo de caso, com a realização de entrevistas baseadas em um roteiro semiaberto. Os resultados apontam que as cinco professoras participantes, mesmo não tendo formação inicial para o atendimento específico de sujeitos com AH/SD, por estarem em um contexto favorecido têm conhecimento sobre esse alunado, sobre estratégias de atendimento e ressaltam a importância da Subdivisão de Acessibilidade e da Coordenadoria de Ações Educacionais, centros que realizam atendimentos para o público alvo da Educação Especial e cursos de formação continuada. Ao findar a pesquisa, reforça-se a necessidade de investimentos em pesquisa e extensão na área das AH/SD. Há um grande empenho do corpo docente do curso pesquisado, e comunidade acadêmica como um todo para inclusão, porém ainda há uma longa trajetória pela frente.

Palavras chave: Educação especial, Altas Habilidades/Superdotação, Professores, Ensino Superior.

ABSTRACT

The Perception of Special Education course teachers about AH/SD (a revisar)

AUTHOR: Bibiana Ennes Pozzebon
SUPERVISOR: Tatiane Negrini

This study was part of the Special Education Course Completion Project - night, which focused on promoting discussions on the theme of AH/SD based on the perceptions of teachers, Special Educators, about students with AH/SD. According to Pérez (2003) and Winner (1998) in basic education, whether in higher education, these concepts are loaded with myths that negatively interfere in the treatment of people with AH/SD. That said, among the objectives of the study, we sought to understand the perception of the teachers of the night Special Education course at the Federal University of Santa Maria-UFSM about the subject with high abilities/giftedness. As for the methodological aspects, qualitative research was carried out with an exploratory approach, making use of a case study, with interviews based on a semi-open script. The results show that the teachers, even without initial training for the specific care of subjects with AH/SD, because they are in a favored context, have knowledge about these students, about care strategies and emphasize the importance of the Accessibility Center and the Coordination of Actions Students, centers that provide assistance to the target audience of special education and continuing education courses. At the end of the research, the need for investments in research and extension in the area of AH/SD is reinforced, there is a great commitment from the faculty, and the academic community as a whole for inclusion, but we still have a long way to go.

Keywords: Special Education, High Skills/Giftness, Teacher Training.

SUMÁRIO

1. Introdução	07
1.1 Problema	08
1.2 Objetivos	10
1.3 Objetivos Gerais	10
1.4 Objetivos Específicos	10
2. Justificativa	10
3. Referencial Teórico	12
3.1 Características gerais das AH/SD desde a infância	12
3.2 Estratégias pedagógicas voltadas para os alunos com AH/SD	14
3.3 Estratégias pedagógicas voltadas para os alunos com AH/SD	15
4. Metodologia	18
5. Análise das Categorias	21
5.1 Categoria 1: Formação de Professores	21
5.2 Categoria 2: Percepção sobre o conceito de AH/SD	24
5.3 Categoria 3: Estratégias para o alunado com AH/SD	26
5.4 Percepções futuras	27
6. Conclusão	31
Apêndices	34

1. Introdução

O atendimento a alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD) continua apresentando desafios aos professores, legisladores e políticos. Apesar de programas de identificação serem realizados, ainda existem muitas dúvidas sobre como deve ser feito esse atendimento a estes alunos (ALMEIDA; ANTUNES, 2009).

A pesquisa aborda a percepção dos professores do curso de licenciatura em Educação Especial noturno da UFSM sobre a temática das AH/SD no ensino superior. Segundo Chagas (2007) o conceito de AH/SD é arraigado de mitos errôneos e concepções elitistas, o que acaba gerando sua exclusão e o não atendimento de suas necessidades específicas.

Pesquisas têm constatado o conhecimento deficitário de educadores portugueses e brasileiros a respeito dos estudantes com AH/SD (Bahense & Rossetti, 2014; Barreto & Mettrau, 2011; Eurydice, 2008; Guimarães, 2004; Matos, 2015; Miranda & Almeida, 2003; Z. C. F. Pinto, 2013; Procópio, 2010; Ramalho et al., 2014; Reis, 2006), o que interfere no reconhecimento e na satisfação das necessidades escolares de tais discentes. (MARTINS, CHACON, ALMEIDA, 2018, p. 321).

Corroborando com a ideia de Teixeira (2018, p. 37) este menciona que “um olhar atento voltado a suas características e potencialidades contribuirá para que desenvolvam suas habilidades e sejam compreendidos em suas especificidades”. Para isso, se torna considerável elencar alguns pontos da história desse alunado bem como o saber das políticas e legislações que garantem os direitos básicos desse sujeito. Os estudos Teixeira (2018) sobre inteligência e superdotação nos séculos XIX e XX realizados por Galton, Binet e Terman contribuíram para a expansão desse campo de pesquisa.

No Brasil, em 1929 aparece o primeiro registro de atendimento educacional especializado para sujeitos com Altas Habilidades/Superdotação, na época chamados de “super normais” (TEIXEIRA, 2018, p. 43). Nos estudos de Teixeira (2018), encontramos registros do ano de 1945, referenciando Helena Antipoff como iniciadora de uma trajetória de cursos para formação de professores visando o atendimento desse alunado e então foi possível tecer novas estratégias para atender esses sujeitos. Ainda no Brasil, em 1967, o Ministério da Educação (MEC) estabelece uma comissão para criar critérios para a identificação e o atendimento de superdotados. Em 1971, estabelecido por lei federal, o atendimento educacional

especializado é reconhecido (MEC, 1971). No mesmo ano, de acordo com Teixeira (2018), é estabelecida a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5692/71, primeiro documento legal a mencionar o atendimento educacional especializado (AEE) aos superdotados.

Em 1972, nos Estados Unidos é elaborado o Relatório de Marland, que abordou o contexto em que as pessoas com AH/SD estavam, já que poucos sujeitos tinham acesso ao AEE (TEIXEIRA, 2018 p. 39). Em 1978, Joseph Renzulli torna público seus estudos na área, trazendo a Concepção dos Três Anéis, sendo que essa teoria versa sobre as características dos sujeitos com AH/SD. No mesmo ano é fundada a ABSD (Associação Brasileira para o Superdotado) (VIEIRA; FREITAS, 2014). Cabe também ressaltar a importância de documentos como a Declaração Mundial de Educação para todos, em Jontiem no ano de 1990 e a Declaração de Salamanca em 1994, promulgada na Espanha (TEIXEIRA, 2018, p. 46). No mesmo ano, no Brasil o documento da Política Nacional de Educação Especial também foi publicado. Logo, em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação é modificada, trazendo a Educação Especial como modalidade de ensino.

O Plano Nacional de Educação é lançado em 2001 e com ele inúmeras resoluções e notas técnicas sobre o AEE para os alunos com AH/SD vêm à tona. Em 2003 nasce o ConBraSD, fruto do encontro de todos associados da ABSD e público em geral com o objetivo de consolidar ações para garantir a identificação e o atendimento de alunos com AH/SD (VIEIRA; FREITAS 2014) Em 2006, criou-se os Núcleos de Apoio às Altas Habilidades/ Superdotação. A proposta dos NAAH/S é:

[...] propiciar o treinamento de professores com novas estratégias de ensino para motivar estudantes com altas habilidades ou superdotados, bem como incluir os pais em grupos de atendimento para que possam tornar-se mais atentos às necessidades especiais dos seus filhos (Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado-CAPE, 2012, s/p).

Com a promulgação da Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva em 2008, os direitos das pessoas com AH/SD é garantido, bem como o atendimento educacional especializado (TEIXEIRA, 2008, p. 49). Outro ponto importante de citar é a formação de professores, garantida por lei desde 1996, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que no Art. 62 indica: “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades [...]” (BRASIL, 1996, p.46). Já no primeiro parágrafo podemos ler: “A União, o Distrito Federal, os estados

e os municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério” (BRASIL, 1996, p.46).

A partir de 2008, houveram outros documentos como o Decreto 7611 que tratou do atendimento educacional especializado a este público.

Apesar de documentos, diretrizes e normativas e a garantia de formação de professores habilitados para tal, o atendimento educacional especializado para os sujeitos com AH/SD ainda sugere uma longa caminhada para obtermos uma educação mais desafiante e de qualidade para esses sujeitos.

A partir dessas reflexões, vamos abordar a percepção dos professores que atuam no curso de Educação Especial noturno da Universidade Federal de Santa Maria, com foco em suas concepções sobre o atendimento de sujeitos com AH/SD no ensino superior.

Esse recorte – professores do curso de Educação Especial noturno – deve-se ao fato da área de pesquisa, a fim de verificar os conceitos que perpassam a formação dos professores, por serem estes os professores que estão formando futuros educadores especiais.

Problematizamos aqui qual o impacto da percepção dos professores no atendimento educacional especializado para sujeitos público alvo da Educação Especial, em especial os sujeitos com AH/SD, que mitos estão imbricados nos pensamentos desses professores e como isso se reflete no processo de identificação e na oferta de atendimento educacional especializado em nossa Universidade.

São muitos os questionamentos sobre a relação da percepção dos professores com o atendimento educacional especializado para sujeitos com altas habilidades/superdotação, posto isso vamos aos objetivos desta pesquisa.

Objetivo Geral

Compreender a percepção dos professores do curso de Educação Especial noturno da Universidade Federal de Santa Maria sobre as altas habilidades/superdotação (AH/SD).

Objetivos Específicos

1. Analisar a percepção dos professores do ensino superior sobre o conceito de altas habilidades/superdotação;
2. Verificar se são realizadas estratégias educacionais para o atendimento desse alunado;
3. Averiguar se a formação inicial e continuada dos docentes abordou os conceitos sobre as altas habilidades/superdotação.
4. Verificar as possibilidades de cursos de formação para os professores de ensino superior na UFSM sobre as altas habilidades/superdotação.

2. Justificativa

Existem inúmeros mitos e barreiras atitudinais em relação a esse alunado, muitas vezes visto como gênio, que aprende tudo sozinho, portanto não precisa de atendimento. Segundo Cianca e Marquezine (2014, p. 602) “pode-se afirmar, assim, que a percepção dos docentes da UEL, investigados nesta pesquisa, estava diretamente ligada ao conhecimento trazido pelo senso comum e não condizia com o conhecimento científico da área”. E através das pesquisas realizadas por Pérez (2003) e Winner (1998) na educação básica, seja na educação superior, esses conceitos são carregados de mitos que interferem negativamente no atendimento de pessoas com AH/SD.

Segundo Sakaguti e Bolsanello (2009, p. 2124) o professor é “alguém necessário na trajetória do desenvolvimento do aluno com Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar, oferecendo ricas possibilidades de crescimento”. Assim, torna-se claro o nível de relevância desta pesquisa, analisando como a percepção dos professores impacta o atendimento de sujeitos com AH/SD e aborda discussões importantes como a formação de professores. Será que a

formação dos professores vai realmente impactar na sua relação com esse sujeito? Será que é só através de Formação Continuada que esses professores conseguem manter seus olhares atentos aos alunos com necessidade educacionais especiais?

Posto isto, também garantida pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) a formação de professores:

[...] possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial. (BRASIL, 2008, p. 13)

Considerando o exposto, reitero aqui minhas experiências enquanto pessoa em processo de identificação de AH/SD através da Subdivisão de Acessibilidade da Universidade Federal de Santa, instituição onde também sou graduanda em Educação Especial noturno. Além disso, durante dois anos, participei do projeto de extensão intitulado “O modelo de enriquecimento para toda escola: uma proposta de colaboração entre educação comum e especial nas Altas Habilidades/Superdotação”, coordenado pela professora Nara Joyce W. Vieira, onde pude ter contato com a realidade da comunidade escolar santa-mariense, tanto presencialmente como no contexto remoto.

Estando então nesses contextos: a universidade, o curso de graduação em Educação Especial e a escola, fui percebendo ao decorrer dos anos que os assuntos relacionados a temática das AH/SD não eram muito explorados. Foi a partir desses contatos que entendi a relevância de pesquisas nessa área.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Características gerais das AH/SD desde a infância

A importância do debate sobre o conceito de superdotação deve ser norteadada por propósitos claros, criar oportunidades de auto realização para jovens e “aumentar a quantidade de pessoas, na sociedade, que ajudarão na solução dos problemas da civilização contemporânea, transformando-se em produtoras de conhecimento e arte”. A história nos mostra que as “áreas de desempenho em que uma pessoa pode ser reconhecida como “superdotada” são determinadas pelas necessidades e pelos valores da cultura vigente” (RENZULLI, 2014, p. 219).

Para definição deste referencial foram contempladas as ideias de Renzulli (2014) sobre a concepção dos três anéis, que representam as três principais características para identificação e atendimento de pessoas com AH/SD: criatividade, comprometimento com a tarefa e habilidade acima da média. De acordo com Sakaguti e Bolsanello (2009, p. 2125) a criatividade “diz respeito à fluência, flexibilidade e originalidade do pensamento, curiosidade, estando o indivíduo aberto ao novo e diferente, disposto a correr riscos no pensamento e na ação”. Renzulli (2014, p. 244) traz também a discussão da definição de criatividade e que ela pode ser encarada como a capacidade de abstração e de resolver problemas matemáticos com fórmulas próprias, por exemplo. O comprometimento com a tarefa “caracteriza-se pela demonstração de níveis elevados e envolvimento num contexto particular, área de estudo ou forma de expressão; além disso, engloba traços marcantes de perseverança” (RENZULLI, 2014 p. 245).

O primeiro ponto a se ressaltar sobre habilidade acima da média é que testes psicométricos “não necessariamente refletem o potencial para realizações produtivo-criativas”, segundo Wallach (1976, apud RENZULLI, 2014, p. 238). As habilidades são divididas em dois tipos: habilidade geral e habilidade específica. A habilidade geral consiste na capacidade de processar informação, de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptativas a novas situações e de se engajar em pensamento abstrato. As habilidades específicas consistem em “adquirir conhecimento e técnica ou na habilidade de executar um ou mais atividades de tipo específico e em âmbito restrito” (RENZULLI, 2014, p. 236). Para exemplificar utiliza-se uma citação de Virgolim (2007, p. 36-37) que diz: “a habilidade geral consiste na

capacidade de utilizar o pensamento abstrato ao processar a informação e de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptáveis a novas situações”.

Para Johnsen (2009, apud MARTINS; CHACON, 2012) pessoas com altas habilidades possuem evidentemente o que ele chama de *high performance ability*¹ em áreas como intelectual, artística, liderança, campos acadêmicos específicos.

Já para Winner (1998, apud MARTINS; CHACON, 2012, p.195) os sujeitos com AH/SD apresentam “três características atípicas: precocidade; insistência em fazer as coisas a seu modo e fúria por dominar”.

Para Gama (2006, apud MARTINS; CHACON 2012, p. 195) a superdotação “é composta por três fatores: precocidade e talento; pensamento divergente (criativo e/ou crítico) e dedicação obstinada a determinadas tarefas”.

Outras características dos sujeitos com AH/SD: precocidade, gosto e nível elevado de leitura; interesses variados e diferenciados; tendência a se associar com pessoas mais velhas; assincronismo; preferência por trabalhar ou estudar sozinhos; independência; autonomia; senso de humor refinado; sensibilidade estética muito desenvolvida; elevada capacidade de observação; liderança; gosto e preferência por jogos que exijam estratégia (MONKS, 1988; GAGNÉ, 2000, apud POCINHO, 2009, p. 6)

Existem dois tipos de superdotação: acadêmica e produtivo-criativa. De acordo com Virgolim (2014), sujeitos com superdotação acadêmica podem apresentar características como: rapidez na aprendizagem, vocabulário rebuscado, tira boas notas, memória vivaz, é um consumidor voraz de conhecimento, se entedia fácil com conteúdos que não são da sua área de interesse e apresentam longos períodos de concentração. Para Renzulli (2014), o conceito de superdotação escolar ou acadêmica pode ser medido através de testes psicométricos como os de QI e outros tipos de testes de habilidades cognitivas.

Já a superdotação produtiva - criativo não necessariamente tem QI superior, é extremamente criativo, não gosta de rotina, o humor é irônico e é produtor de conhecimento. Segundo Renzulli (2014, p.232), pessoas produtivas - criativas “do mundo foram produtoras, e não consumidoras de conhecimento, reconstrutoras de pensamento em todas as áreas do esforço humano”.

¹ Habilidade de Alta Performance

Cabe citar que também existem alguns outros conceitos como a Teoria Triárquica da Inteligência (STERNBERG, 2000), o Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento (GAGNÉ, 2000) e o Modelo Multifactorial da Sobredotação (MONKS, 1988), os quais neste momento não serão aprofundados.

São muitas teorias que abordam e perpassam o tema das AH/SD, os autores escolhidos Renzulli e Gardner deve-se ao fato da sua representatividade dos pesquisadores e por serem autores que estudamos na universidade.

3.1.2 Características dos adultos

Segundo Pérez (2008) as características citadas acima permanecem, mesmo quando esses sujeitos crescem e mesmo que eles não tenham sido identificados e atendidos conforme as políticas atuais vigentes. No entanto, características como capacidade desenvolvida de análise, alto nível de avaliação e julgamento, independência de pensamento, produção ideativa, concentração prolongada, assincronismo, consciência de si e de suas diferenças, sensibilidade a problemas sociais e aos sentimentos dos outros são mais visíveis na fase adulta.

Ainda segundo Pérez (2008, p.136) tem-se “a inteligência, a paixão, a persistência e a dedicação, a curiosidade intelectual, o autoconhecimento, a coerência e a busca dela, a procura de desafios, o humor são características próprias das PAH/SD”.

Tanto a escola como a sociedade possui um ritmo, que não é acompanhado pela pessoa com AH/SD no seu processo de formação identitária. Fronteiras impostas na escola por exemplo com o conceito de “média” pode desestimular os alunos e até levá-los à evasão escolar. Para Terrassier (2012) existem dois tipos de assincronismo: de funcionamento interno e de funcionamento externo que se manifestam durante a infância, mas permanecem na vida adulta.

Participantes da pesquisa realizada por Pérez (2012) corroboram com afirmativas realizadas por Catroux (2012): “Os adultos que foram crianças dotadas, não reconhecidas e não tiveram a sorte de receber ajuda para que seus dotes frutifiquem continuam feridos: costumam ter dificuldades para encontrar o seu lugar adequado no mundo profissional e na sociedade” (CATROUX, 2012, p. 325 apud FREITAS E PÉREZ, 2012, p.12).

Outro ponto levantado por Pérez (2008) em sua pesquisa é o alto nível de envolvimento desses sujeitos com causas sociais, valores éticos e morais muito estabelecidos. A falta desses valores por parte de outras pessoas é mal visto por pessoas com AH/SD. Esse mesmo filtro ético e moral é utilizado para fazer uma reflexão sobre suas próprias ações e a falta desses valores éticos e morais é referida pelas pessoas com AH/SD como o ponto que mais incomoda nos outros.

Além disso, outra característica levantada por Pérez (2008) é a capacidade de leitura precoce. Essa característica é muito comum, pois é através da leitura que as pessoas consomem conhecimento. Esses sujeitos aprendem a ler geralmente antes mesmo de entrar na escola, e geralmente sozinhos, tornando-se assim pessoas autodidatas.

É relevante mencionar que as características permanecem na vida adulta, algumas dessas características com o tempo podem ser aperfeiçoadas, podem influenciar na sua camuflagem ou no aparecimento de novos indicadores. Posto isso, vamos abordar no próximo capítulo, estratégias voltadas para esse alunado.

3.2 Estratégias pedagógicas voltadas para os alunos com AH/SD

As estratégias pedagógicas e as alterações curriculares voltadas para os alunos com AH/SD são importantes, pois de acordo com Costa (2018, p. 127) essas se tornam indispensáveis para que os alunos com AH/SD sejam capazes de “desenvolverem atividades diferenciadas e desafiadoras que venham a contemplar não somente a área de interesse desses alunos, mas também estimular a aprendizagem para outras áreas e favorecer a convivência com os pares, permitindo assim reconhecer as suas habilidades e necessidades” e sugere-se que as mesmas devam levar em “consideração a individualidade e a necessidade de cada aluno” (COSTA, 2018, p. 131)

Tais estratégias beneficiam o sujeito de várias formas, por isso concordamos com Tannenbaum (1983) e Alencar e Fleith (2001, p.125) apud Costa (2018, p. 131) que trazem alguns pontos consideráveis para esta discussão, como:

- Ajudar aqueles indivíduos com alto potencial a desenvolver ao máximo os seus talentos e as suas habilidades

- Favorecer o seu desenvolvimento global, de tal forma que venha a dar as maiores contribuições possíveis à sociedade, possibilitando-lhe, ao mesmo tempo, viver de uma forma satisfatória.
- Fortalecer um autoconceito positivo.
- Ampliar as experiências desses alunos em uma diversidade de áreas e não apenas em uma área especializada do conhecimento.
- Desenvolver no aluno uma consciência social.
- Possibilitar ao aluno uma maior produtividade criativa.

E para colocar tudo isso em prática citamos a contribuição que Maker (1982) tece, com algumas diretrizes para auxiliar na construção de currículos adaptados a esses alunos: “a aprendizagem deve ser centrada no aluno e não no professor, encorajar a independência, encorajar uma atmosfera “aberta” em sala de aula, deve-se enfatizar a aceitação e não o julgamento e deve-se encorajar alta mobilidade” (MAKER, 1982, apud COSTA, 2018 p. 134).

Para promoção do atendimento educacional especializado, os alunos com AH/SD devem ser identificados e alinhando teoria à prática pedagógica. Renzulli (2012) sugere um plano prático para identificar estudantes superdotados e talentosos.

O plano segue três passos claros: montar um grupo de alunos e determinar o número de alunos (pool) para quantificar os recursos humanos e materiais para realização do plano. Em segundo lugar, treinar todos os profissionais envolvidos no programa. E, por último, ter certeza que o programa abarca tanto o enriquecimento quanto a aceleração.

Existem inúmeras formas para oferecer o atendimento educacional especializado como o enriquecimento intra e extra curricular, a compactação curricular, a aceleração, monitorias, as tutorias e mentorias. Segundo Costa (2018, p. 140) “as instituições de Ensino Superior se constituem em importantes meios de contribuição através de realização de parcerias com as instituições escolares”. Além disso, o enriquecimento no ensino superior pode ter diferentes configurações, de acordo com as necessidades e áreas de interesse do aluno, podendo inserir-se em projetos de ensino, pesquisa, extensão e outras atividades.

O enriquecimento curricular tem como objetivo atender alunos já identificados e, segundo Renzulli (2004), é um meio de atendimento ao aluno superdotado com uma proposta diferenciada de escola/universidade. Existem duas modalidades de atendimento nesse sentido: o enriquecimento intracurricular e o enriquecimento extracurricular. Por enriquecimento intracurricular entende-se por todas as atividades que contemplam o currículo da escola e o enriquecimento extracurricular é

caracterizado por atividades extras, espaço de aprendizagem alternativos como grupos de enriquecimento e grupos de discussão e estudo.

As tutorias e mentorias podem fazer parte da estratégia pedagógica do atendimento educacional especializado, incentivando a área de interesse do aluno, trabalhando seu perfil de liderança e ofertando um nível de desafio coerente com a jornada de aprendizagem do aluno. Programas de orientação e pesquisa, ações de extensão e grupos de estudo e de pesquisa podem oferecer atividades complementares ao currículo regular e manter o aluno motivado e engajado nas atividades acadêmico-escolares.

A compactação curricular, segundo Costa (2018, p. 137), consiste em “um procedimento sistemático para modificar ou racionalizar o currículo regular para eliminar a repetição de materiais já dominados” pelo aluno.

Freitas (2013) aborda o Modelo de Enriquecimento escolar proposto por Renzulli e Reis (1997) como atividades que pressupõem “uma multiplicidade de conhecimentos aos alunos com AH/SD, esquematizado para a implementação no espaço escolar como fora dele” (FREITAS, 2013, p. 257). O modelo propõe atividades “não lineares, que podem ser seguidas em ordem progressiva ou não” (FREITAS, 2013, p. 266). As atividades do tipo I são exploratórias e significam O QUÊ. Atividades do tipo II são de treinamento em grupo e significam o COMO. As atividades do tipo III são de investigação de problemas reais e significam o FAZER.

Freitas e Pérez (2012) propõem também as atividades do tipo IV, em continuidade aos estudos desenvolvidos por Renzulli.

Segundo Freitas e Pérez (2012) a concentração prolongada em atividades de interesse, é um indicador percebido em adultos, mesmo que tenham família e passem a maior parte de seu tempo em seus empregos. Por isso, a importância de atendimento educacional especializado para pessoas adultas, principalmente nas Universidades com grupos de estudo e pesquisa, programas de extensão e formação de professores com auxílio dos Núcleos de Acessibilidade.

A aceleração é prevista na LDBEN conforme determina o artigo 47, inciso 2º, de acordo com a avaliação realizada por uma banca específica. Através de inúmeros pareceres do Conselho Nacional de Educação que garantem autonomia didático-científica para escolher as formas de avaliação e concordando com Freitas e Pérez (2012, p.84) “essa modalidade pode contemplar alunos com AH/SD”. Além disso, existem 18 tipos de aceleração de estudos e o Brasil prevê todos eles na LDB

9.394/96. Entre as vantagens de se usar a aceleração é que o aluno se sinta mais motivado e tenha maior liberdade para estudar.

4. METODOLOGIA

Trata-se aqui de uma pesquisa qualitativa que, segundo Creswell (2010, p. 26), “é um meio para explorar e para entender o significado que indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. De acordo com Chizzotti (2003, p. 221)

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Com abordagem exploratória, que de acordo com Gil “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (2002 p. 41). Segundo Doxey & De Riz (2002-2003, p. 25) “pesquisas exploratórias buscam uma abordagem do fenômeno pelo levantamento de informações que poderão levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito”.

Seguindo a metodologia de estudo de caso, abordaremos a percepção dos professores do Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria sobre os conceitos de AH/SD. Assim, concordamos com Gil (2002, p. 139),

Estudo de caso coletivo é aquele cujo propósito é o de estudar características de uma população. Eles são selecionados porque se acredita que, por meio deles, torna-se possível aprimorar o conhecimento acerca do universo a que pertencem. Casos desse tipo são constituídos, por exemplo, por um certo número de empresários numa pesquisa cujo objetivo é analisar as crenças e os temores da categoria.

Ainda segundo o autor, “esta modalidade de pesquisa é amplamente usada nas ciências biomédicas e sociais. Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. “(GIL, 2007, p. 54).

A escolha da metodologia de estudo de caso justifica-se por abordar um grupo específico, os professores do Curso de Educação Especial noturno, pois são estes responsáveis por formar futuros outros educadores especiais, que logo serão responsáveis por atender esse alunado.

O presente projeto segue as normas do Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria, utilizando-se dos documentos previamente estabelecidos como: Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice 3), Autorização Institucional (Apêndice 2) e Termo de Confidencialidade (Apêndice 1), que foi encaminhado aos entrevistados desta pesquisa via e-mail. Para início da pesquisa foi solicitado à Direção do Centro de Educação a autorização institucional, assim como a autorização da Coordenação do Curso de Educação Especial noturno. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria sendo aprovada com o número CAAE 41749121.6.0000.5346.

Para atingir os objetivos da pesquisa entrevistamos professores do curso, vinculados a cada departamento: Departamento de Educação Especial, Departamento de Metodologia do Ensino, Administração Escolar e Fundamentos da Educação que mantém encargos didáticos relacionados ao Curso de Educação Especial. Para Coordenação do Curso de Educação Especial, foi solicitada a lista com todos os nomes dos professores nos anos de 2019 e 2020 separados por departamento. A escolha dos professores foi aleatória, realizada por sorteio. Depois de entrar em contato com os sujeitos da pesquisa e enviar o Termo de Consentimento, a entrevista foi agendada.

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada com 8 (oito) perguntas abertas (Apêndice 4). Tendo em vista o atual momento, a entrevista foi realizada por vídeo chamada, utilizando o aplicativo do Google Meet para obter maior aproximação com os participantes. O conteúdo das entrevistas foi gravado e transcrito para manter a fidedignidade dos dados coletados.

A análise de dados foi realizada através de análise de conteúdo, partindo de categorias, conforme descrito por Laurence Bardin. Essa técnica passa por três fases: pré-análise, exploração dos materiais e tratamento dos resultados. A primeira fase passa pelos seguintes passos: leitura flutuante e escolha dos documentos, formulação das hipóteses e dos objetivos, referenciação dos índices e elaboração de indicadores. A segunda fase trata-se da exploração do material e definição de categorias. Já na terceira fase, o tratamento de dados seria então a inferência do

pesquisador aos assuntos pesquisados, contendo sua análise crítica e reflexiva. A escolha pela metodologia segundo Bardin (2006) deve-se a que a autora é a mais citada em pesquisas que abordam a análise de dados (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 734).

Segundo Denzin e Lincoln (2000) a pesquisa qualitativa “pode gerar resultados de investigações científicas e que pode ser trabalhada no sentido de repensar e criar uma sociedade livre e democrática, revelando seu caráter crítico”.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, entrei em contato com as professoras através de email, com o convite para participar da pesquisa, sendo aceito o convite e marcada a entrevista. As entrevistas foram realizadas através da plataforma Google Meet, sendo que foram gravadas e transcritas. O roteiro de entrevista conteve 8 perguntas semiabertas, e o arquivo com as perguntas encontra-se no Apêndice 4.

Todas as participantes eram mulheres, três participantes eram formadas em Educação Especial, uma em Ciências Sociais e uma Pedagoga, todas com Mestrado e Doutorado em Educação.

1. Quadro com o perfil dos participantes

Participante	Formação	Gênero
Participante 1	Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais (UFRGS), Mestrado (UFRGS), e Doutorado em Educação (UFSM)	Mulher
Participante 2	Licenciatura em Educação Especial, Mestrado e Doutorado em Educação (UFSM)	Mulher
Participante 3	Licenciatura em Educação Especial (UFSM), Mestrado em Educação (UFN) e Doutorado em	Mulher

	Educação Especial na Universidade do Minho em Portugal	
Participante 4	Licenciatura em Educação Especial (UFSM), Mestrado em Educação (UFSM) e Doutorado em Educação Especial (UFSCAR)	Mulher
Participante 5	Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação	Mulher

A partir da fala dos sujeitos participantes foram elencadas quatro categorias: Formação de Professores, Percepção sobre o conceito de AH/SD, Estratégias pedagógicas para este alunado e Perspectivas futuras e cursos de formação na UFSM.

Categoria 1: Formação de professores

Abordamos o tema formação de professores, pois nas falas das mesmas foi verificado que durante sua graduação não houveram estudos aprofundados sobre a temática das AH/SD. No quadro abaixo estão as falas dos participantes:

Participante 1	Na minha formação inicial de graduação não, nunca. Talvez em algumas disciplinas de psicologia da educação, mas foi muito assim aligeirado. Não lembro assim de fazer uma leitura mais atenta dessa questão de superdotação. A única formação que eu tenho é a formação da vida , de ouvir pessoas falando sobre o tema até mesmo na imprensa ou colegas, mas só.
Participante 2	Na minha graduação eu não tinha disciplinas das altas habilidades/superdotação porque eu também sou do tempo que o curso de Educação Especial de diurno, habilitava para deficientes intelectuais ou deficientes da audiocomunicação.

Participante 3	Foi abordado como uma formação da pós graduação, em nenhum momento na graduação eu tive alguma disciplina ou tratava do público-alvo da Educação Especial.
Participante 4	Se foi abordado em algum momento, provavelmente eu não tenho lembrança assim, de ter alguma discussão mais específica. Eu tive muita discussão sobre inclusão, processos de inclusão, surdez e tal, mas sobre superdotação eu não tenho essa lembrança.
Participante 5	De modo superficial. Na época da minha graduação (1997-2002) os temas relacionados à Educação Especial estavam bem menos presentes no currículo e nos debates do que atualmente.

Quando perguntadas sobre se sua formação inicial abordou a área das AH/SD, a Participante 1 menciona que não foi abordado em nenhum momento e enfatiza “Olha na minha formação inicial de graduação não. Não, não lembro assim de fazer uma leitura mais atenta sobre o estudo dessa questão de superdotação, não. A única formação que eu tenho, é a formação da vida, de ouvir pessoas falando sobre e até mesmo na imprensa, colegas, mas só.”

Já a Participante 2 falou que na sua graduação em Educação Especial ainda não haviam cadeiras específicas sobre a temática das AH/SD. Porém a participante, menciona que desde o início da sua jornada acadêmica participou de projetos de extensão, o que possibilitou contato com a área das AH/SD e despertou seu interesse e até hoje a professora trabalha nessa área.

A participante 3 teve formação na área devido a seu interesse na pós-graduação. Segundo ela, durante o curso de Educação Especial sua habilitação era em deficiência mental, logo o tema das AH/SD não foi abordado em nenhum momento.

A participante 4 menciona que não tem lembrança alguma sobre o tema das AH/SD, nenhum curso, ela diz: “Nada que tenha me marcado na memória, claro que às vezes a gente vai em eventos e tem alguma discussão interessante”.

A participante 5 menciona que o tema foi abordado superficialmente: “De modo superficial. Na época da minha graduação (1997-2002) os temas relacionados à Educação Especial estavam bem menos presentes no currículo e nos debates do que atualmente”.

Todos as entrevistadas alegaram que o tema das Altas Habilidades/ Superdotação não foi abordado de maneira efetiva em seus cursos de Graduação. Essa falta de formação inicial é presente na fala de todas as participantes da pesquisa, o que gera grande preocupação, por seus cursos não abordarem o tema, o público e o atendimento educacional especializado para alunos com AH/SD pode ser negligenciado.

Outro ponto interessante de se ressaltar na fala da participante 1 é o momento que ela fala, que sua única formação é a **Formação da vida**, ouvindo os colegas, matérias na tv, etc. Isso também gera uma grande preocupação, já que esses professores partem de ideias do senso comum e não ponto de vista científico. Isso que pode gerar ideias errôneas sobre o público com AH/SD, uma vez que pesquisas mostram que a principal barreira para a identificação e o acompanhamento de pessoas com AH/SD são os mitos que existem sobre a temática:

Na prática, o que geralmente ocorre com os profissionais da educação, sejam eles da educação básica, sejam da universitária, é a utilização de conceitos carregados de mitos (BARRERA PÉREZ, 2003; WINNER, 1998) o que interfere negativamente no tratamento de tais pessoas (CIANCA; MARQUEZINE, 2014, p. 600).

A participante 2 pontou os projetos de pesquisa e extensão realizados na Universidade Federal de Santa Maria como um ponto de contato entre os alunos de graduação e os conceitos de AH/SD. Ela menciona que foi através de projetos assim que conheceu a área das AH/SD e que começou seus estudos e continuou na pós-graduação até o doutorado com a temática das AH/SD.

Categoria 2: Percepção sobre o conceito de AH/SD

Como o objetivo desta pesquisa é trazer as percepções dos professores sobre os alunos com AH/SD, foi perguntado quais eram as características que perpassam pelos seus pensamentos quando falamos em AH/SD. Alguns dados estão sistematizados no quadro abaixo:

Quadro 2 - Representação do aluno com AH/SD segundo as participantes:

Participante 1	Capacidade intelectual maior que a média, capacidade de compreensão maiores, capacidade de percepção melhor que das outras pessoas, determinação genética.
Participante 2	São sujeitos muito criativos, investigativos, que tem um potencial que precisa ser estimulado e desenvolvido e que não são reconhecidos na escola.
Participante 3	Habilidade intelectual, capacidade intelectual acima da média, aluno diferenciado.
Participante 4	Potencial acima da média, necessidade de intervenção de atuação, se destaca daquele “geralção”.
Participante 5	Facilidade de aprendizagem, criatividade na organização das situações desafiadoras e resolução de problemas, agilidade na realização de tarefas.

Quando foi perguntado sobre como os participantes descreviam uma pessoa com AH/SD, muitas ideias parecidas entre os professores aparecem como: “pessoas que tem esse potencial maior que os outros” (participante 1), “pessoas que são capazes compreender o mundo e explicar e mostrar para nós, né. Que eles entenderam de uma forma que se destaca” (participante 4), “São sujeitos muito

criativos, investigativos, que tem um potencial que precisa ser estimulado e desenvolvido e que não são reconhecidos na escola” (participante 2), se destaca de alguma forma daquele “geralção” (Participante 1)

A partir da fala da participante 1 podemos perceber que existe algum conhecimento sobre a área das AH/SD, mesmo que esse conhecimento não tenha vindo de um “lugar institucionalizado”, por exemplo, um curso, um workshop ou até mesmo uma palestra. Notoriamente a fala da participante 1 traz conceitos relacionados a Teoria do Três Anéis de Renzulli, que elenca 3 características que podem nos guiar na identificação e no atendimento de alunos superdotados, são elas: habilidade acima da média, criatividade e comprometimento com a tarefa. Na fala da participante ela traz “potencial maior que os outros”, isso refere-se a característica de habilidade acima da média, ou seja, aquele sujeito apresenta uma habilidade maior, uma capacidade maior, um potencial maior que os outros.

Já a participante 2 menciona que esses sujeitos não são reconhecidos na escola, e de fato não são. De acordo com a autora Vieira (2012 p. 308): “Os alunos com AH/SD, apesar de matriculados sem problemas no sistema comum de ensino, não estão reconhecidos e nem têm suas necessidades educacionais satisfeitas”. Essa percepção da participante deve-se ao fato de que desde o início da graduação participou de projetos de pesquisa e extensão na área das AH/SD, área que seguiu investigando até o seu doutorado. As palavras que selecionou para descrever o sujeito com AH/SD contempla os estudos que abordamos durante a minha graduação, focamos nos teóricos Renzulli e Gardner. Acredito ser relevante mencionar novamente tais características para fins didáticos: “São sujeitos muito criativos, investigativos, que tem um potencial que precisa ser estimulado.” (Participante 2).

Outro ponto importante da fala da participante 2 é sobre esse potencial que precisa ser estimulado. Por mais autonomia e curiosidade que o sujeito com AH/SD apresenta, esse potencial precisa ser desafiado, motivado, estimulado; do contrário esse sujeito pode desenvolver problemas de aprendizagem.

A participante 3 também traz esses conceitos relacionados a uma habilidade/capacidade acima da média. De acordo com Renzulli (1986, p.11) as três características que precisamos estar atentos a observar são: “habilidade gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de criatividade e de comprometimento com a tarefa.”

A participante 4 menciona: “se destaca daquele geralzão”, nesta fala também podemos perceber a sintonia dos conceitos científicos embasados por sua experiência na área da Educação Especial, porém pouco aprofundado na área das AH/SD.

A participante 5 traz um conceito importantíssimo: a criatividade. Segundo Renzulli (2006) a criatividade é uma das características presentes na teoria dos três anéis.

Percebe-se que, apesar dos professores não terem contato com uma formação adequada sobre a temática, suas ideias tem um sentido real se formos analisar do ponto de vista científico, pois nas falas de todos os professores as palavras: potencial, criatividade e a capacidade de se destacar do todo, aparecem o tempo todo. Partindo de uma perspectiva baseada no conceito dos três anéis de Renzulli (2006), as participantes não mencionaram sua teoria tampouco seu nome, porém demonstraram que a partir de suas vivências se tornaram capazes de refletir e pensar esse sujeito com um olhar cuidadoso e que necessita de atendimento. O aluno com AH/SD interage com o mundo de forma peculiar de agir, pensar e organizar seus pensamentos e suas potencialidades (VIEIRA, 2014 p. 318). Por isso devemos estar atentos para atender suas necessidades específicas de aprendizagem.

Esse sujeito se destaca de uma “maneira original e criativa com a que resolve um problema ou situação, seja acadêmica, prática ou social” (METTRAU, 1995 p. 70 apud VIEIRA, 2014, p. 318). É necessário ser flexível, para realizar alterações e adaptações curriculares para esse alunado, considerando suas necessidades específicas de aprendizagem.

Categoria 3: Estratégias para o alunado com AH/SD

A seguir apresentamos os dados da nossa entrevista sobre as estratégias de atendimento ou adaptação de materiais e avaliações para esse alunado.

A participante 1 traz a importância da identificação: “Saber desse aluno para poder elaborar alguma estratégia, não apenas na sua superdotação”. A participante também menciona que é necessário tempo para conhecer esse aluno, nesse sentido, a identificação “refere-se à observação sistemática dos comportamentos com indicadores nas diferentes áreas das inteligências considerando a frequência,

intensidade e a consistência com que esses comportamentos se manifestam” (VIEIRA, 2014, p. 319).

A participante 2 como já tinha contato com a área das AH/SD, traz os conceitos de enriquecimento intra e extra curricular que são alternativas de atendimento educacional. Ela menciona que são ferramentas poderosas para o professor oferecer condições mais desafiantes na jornada de aprendizagem dos alunos com AH/SD.

Tanto a participante 1, bem como as participantes 3 e 4 são categóricas quando falam da identificação: “A gente precisa pensar, né, em como identificar esses alunos” (participante 4) e outra fala: “para incentivar, primeiro a gente deveria saber quem são, né?” (participante 3).

Com base nas respostas das participantes, podemos perceber que existe uma enorme necessidade de identificação desses sujeitos, sem isso é impossível atender esse alunado. Segundo Andreas (2010, apud BAHIENSE e ROSSETTI, 2014, p. 198) “ainda é dada mais prioridade ao atendimento específico para as deficiências e se **desconsidera**, na maior parte dos casos, os aspectos relativos aos alunos com AH/SD” (grifos nossos).

Outro ponto importante para se ressaltar é sobre as estratégias usadas para acolher esse aluno e mantê-lo engajado. Algumas participantes mencionaram ser um grande desafio atender esse aluno, principalmente na Universidade, onde a distribuição curricular é muito maior e diversificada, tanto os professores quanto os alunos têm múltiplas turmas e disciplinas, o que acaba dificultando o conhecimento desses alunos. Segundo a fala da participante 4: “tu desconhece completamente aquela turma, lá pelo meio do semestre que vai aparecer às vezes alguma informação sobre o aluno, quando tu já estruturou e reestruturou o teu plano né, então... como o semestre passa muito rápido, as vezes a gente só grava o nome do aluno”.

Já a participante 3 colabora: “a gente reclama tanto da escola, das turmas homogêneas, aí chega no ensino superior e a gente acaba trabalhando meio que da mesma forma. Então, acho que tinha que ser mais criativo, mais ousado. Usar diversas áreas, diversas percepções, acho que aí poderíamos atender melhor alunos de estilos diferenciados”.

Na fala da participante 2 percebe-se que “A gente também precisa repensar a nossa formação né, pensarmos mais a respeito, sermos desafiados a pensar a respeito”, ou seja, nós educadores especiais precisamos repensar nossa formação, nossa atuação e nosso currículo dentro da Universidade, trazer novas soluções, como

aceitar o lugar de protagonismo e de necessidade educacional especial desse alunado.

O que notamos é que esse sujeito muitas vezes fica invisível, diferente das pessoas com deficiências físicas ou atípicas, que basta você olhar para a pessoa e você consegue identificar que ela precisa: alguma alteração curricular ou algum suporte, como intérprete de libras. Concordando com Merlo (2008, p. 11), a qual menciona que “As Altas Habilidades/Superdotação ainda são vistas como um fenômeno raro, presente no pensamento popular ignorância sobre o tema e preconceito interferem e dificultam uma educação que requer um melhor desenvolvimento do aluno”. Reitero a relevância e a importância de alargarmos os debates e a elaboração de políticas públicas sobre a temática das AH/SD, a fim de diminuir barreiras atitudinais e garantir o acesso ao atendimento educacional especializado que é direito do sujeito com AH/SD.

Categoria 4: Perspectivas futuras e cursos de formação na UFSM

Durante a entrevista perguntamos às participantes se a instituição (Universidade Federal de Santa Maria) ofertava cursos de formação continuada. Vamos às respostas.

A participante 1 menciona formações promovidas pelo próprio curso de Educação Especial e ela continua: “Eu já trabalhei em vários cursos, mas nunca tive assim nenhum convite para participar de nada sobre a questão da superdotação, acho que não é algo que faça parte da preocupação dos colegiados de curso. Não é uma coisa que tá colocada como um problema né... que os professores tenham que se debruçar. Porque geralmente, o que acontece: se pensa que é um problema as deficiências, né... porque o professor sabe o que fazer, geralmente está explícito, fica evidente que no aluno surdo ou cego, mas quando é um aluno que tem altas habilidades... Eu, como te disse eu nunca vi um diagnóstico e às vezes a gente não sabe né que ele tem (AH/SD)”.

A fala da professora explicita a realidade desse alunado e a importância dos cursos de formação continuada, eventos e palestras sobre o tema. Trazer à luz a temática das AH/SD é um dever nosso como professores de Educação Especial,

informar nossos colegas da importância de se ter um olhar alargado para esse alunado.

As participantes 2 e 3 mencionam ações realizadas pela Subdivisão de Acessibilidade da UFSM que oferta atendimento educacional especializado, tradutores e intérpretes de libras, adaptação de materiais para pessoas com necessidades educacionais especiais e cursos de formação de professores.

Além disso, também mencionaram a Coordenadoria de Ações Educacionais (CAED) que oferta mentorias online para leitura de textos científicos, mentoria de apoio às tecnologias digitais, oficinas, apoio pedagógico online e plantão psicológico de segunda a sexta feira.

A nossa Universidade é referência quando o assunto é assistência estudantil, pensando em estrutura física a Universidade possui prédios bem conservados e recursos tecnológicos adequados. Também inova em criar políticas de acolhimento a estudantes refugiados e indígenas. Não há dúvidas que há um empenho da nossa instituição em proporcionar uma jornada saudável e possível para todos os estudantes.

Porém quando pensamos em assistência aos professores, me parece que nossa Universidade ainda pode avançar. Duas participantes mencionaram que já participaram de cursos de formação continuada sobre a temática das AH/SD, as outras três mencionaram que tinham conhecimento que esses cursos são ofertados, mas não conseguiram participar pela alta demanda das obrigações dos professores, principalmente agora com a Pandemia do Covid 19. As tarefas dos professores se multiplicaram entre aulas online, acúmulo de alunos em decorrência de situação incompleta e a frequência de reuniões entre os professores, aumentaram significativamente.

A participante 5 mencionou a importância de trabalharmos políticas públicas para o público alvo da Educação Especial, e cita também que as Diretrizes Curriculares Nacionais mencionam especificamente sobre as necessidades educacionais especiais dos sujeitos com AH/SD. Além disso, ela reitera que os cursos de licenciatura abordam temáticas de Educação Inclusiva.

Com base na análise da fala das participantes, existem cursos e formações continuadas oferecidas pela UFSM, porém um grande inimigo dos professores é o tempo. Os professores geralmente atuam com várias turmas numerosas e acabam não tendo tempo para realizar tais formações.

6. Conclusão

Depois de quase dois anos de estudo sobre as percepções dos professores do curso de Educação Especial – noturno, ainda me faltam pistas para realizar uma conclusão; porém vou trazer aqui pontos que pude notar e concordar com os teóricos que venho estudando. Menciono o fato de faltarem pistas, por se tratar de uma pesquisa que entrevistou 5 professores, não seria coerente afirmar e generalizar a opinião dos professores entrevistados comparando com os demais professores da Universidade.

Esse estudo partiu do interesse de analisar como a percepção dos professores na área de Educação Especial interfere no atendimento, ou no não atendimento de alunos com AH/SD na Universidade Federal de Santa Maria. Ao entrar no curso, refletia como o curso de Educação Especial poderia/deveria ser mais inclusivo e acessível a todos. Nós, estudantes do curso, passávamos as mesmas dificuldades que outros calouros, dificuldades de inclusão, dificuldades de acesso, dificuldade até mesmo para procurar um livro na prateleira da biblioteca. Nós não vivemos em uma sociedade inclusiva, seria uma falácia eu escrever aqui, que todos os alunos são atendidos, que todos os alunos tem acesso, que todos os alunos tem suas necessidades educacionais atendidas, isso não é um fato. Nós como pessoas e educadores especiais devemos rever nossa prática diariamente, assim, quem sabe construir uma sociedade inclusiva e uma educação para todos.

Analisando as falas das participantes, três formadas em Educação Especial e uma formada em pedagogia e outra em ciências sociais, quatro das cinco participantes disseram nem se quer lembrar de algo relacionado a AH/SD em sua formação inicial. Com base nisso é possível entender o motivo da invisibilidade dos alunos AH/SD, que se ele já não chega “identificado” da educação básica ou do ensino médio, isso será ainda mais difícil no ensino superior. O que a meu ver é uma grande lástima, em nossa Universidade temos riqueza e diversidade de pessoas, de recursos, de infraestrutura, de tecnologia e um capital intelectual incomensurável. Imagina se tivéssemos um grande programa de identificação de talentos, em todos os centros?

Em relação as estratégias realizadas para o alunos com AH/SD não foi possível identificar muitas práticas, já que a maioria das participantes (4 participantes)

alegaram não ter conhecido nenhum aluno com AH/SD, somente uma participante que realizava projetos de pesquisa e extensão durante sua graduação mencionou o Enriquecimento intra e extra curricular.

Sobre a formação inicial, somente uma participante mencionou ter contato com a temática das AH/SD devido a seu interesse pessoal, as outras 4 participantes mencionaram não terem formação inicial sobre o tema.

As participantes mencionaram ter conhecimento dos dispositivos que a Universidade oferece aos professores para sua formação continuada, porém alegam falta de tempo para aprofundar o assunto.

A barreira principal para que esses alunos fiquem invisibilizados e sem atendimento para as participantes é a não identificação. Todas mencionam que se soubessem que o aluno tem uma necessidade educacional especial, se colocaria à disposição para adaptar seu currículo e atender suas necessidades. Quando falamos em público alvo da Educação Especial abarcamos três tipos de sujeitos muito diferentes: pessoas com deficiência, pessoas do espectro autista e pessoas com AH/SD. Ao olharmos para história podemos perceber que ainda temos um longo caminho para alcançarmos a “Educação para todos”, posto isto reitero a importância e a relevância de estudos voltados para a temáticas das AH/SD já negligenciada por décadas.

Analisando a fala das participantes sobre suas percepções sobre este alunado, mesmo as professoras mencionando não terem formação inicial sobre o tema, suas falas não foram errôneas e nem carregadas de mitos. O que eu pude perceber é que pelo contexto em que as professoras estão inseridas, é impossível não se ouvir falar em superdotação, já que temos anos de pesquisa na área enquanto Universidade e contamos com professoras renomadas como a Prof. já aposentada, Dra. Soraia Napoleão Freitas, supracitada em todas as entrevistas.

Saber desses alunos e identificar ainda não é suficiente, precisamos pensar políticas públicas específicas para este alunado, centros de pesquisa, programas de aceleração, programas de identificação, mentoria e consultoria para esse alunado.

Nossa Universidade é referência quando falamos em Educação Especial e Inclusão tanto se analisarmos a casa de estudante, a estrutura dos restaurantes, laboratórios, salas de aula, enfim inúmeros recursos que outras Universidades Federais não oferecem a seus estudantes, sem contar as políticas afirmativas internas e serviços de apoio ao estudante como o benefício socioeconômico.

Além de estrutura física e financeira, a Universidade Federal de Santa Maria dispõe o Núcleo de Acessibilidade e a Coordenadoria de Ações Educacionais que oferecem cursos de formação sobre AH/SD e atendimentos específicos para este alunado. Todas as participantes mencionaram ter ciência desses núcleos, dos cursos de formação e dos atendimentos, porém algo perceptível durante as entrevistas com as professoras era sobre tempo. Em um semestre, uma disciplina de 45h digamos, o professor com 44 alunos na sala, como ele vai conhecer os alunos, realizar um planejamento com base nos interesses dos alunos?

Então o que eu concluo aqui é que precisamos continuar, continuar estudando, pesquisando e lutando para alcançarmos a tal da "Educação para todos."

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A.P. ALMEIDA L.S. **Práticas educativas na sobredotação:** diferenciação curricular e estratégias complementares. *Psicologia Educação e Cultura*, 2009, vol. 13, nº 1, p. 157-168

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB.5.692, Brasília: MEC/SEESP de 11 de agosto de 1971.

BRASIL. DIRETRIZES OPERACIONAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Brasília, MEC/SEESP, 2008 Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192 Acesso em 01/09/2021

BRASIL, RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf

BRASIL, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2008. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192

CIANCA, F. S. C. MARQUEZINE, M. C. A percepção dos coordenadores de licenciaturas da UEL sobre altas habilidades/superdotação. **Rev. bras. educ. espec.** vol.20 n.4 Marília Oct./Dec. 2014

CHAGAS, J. F. Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades, IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades:** orientação para pais e professores. Porto alegre: Artmed, 2007.

COSTA, L. C. Alternativas de atendimento e estratégias de apoio para os alunos com AH/SD: relações entre o ensino comum e o AEE. In: Ana Cláudia Oliveira Pavão, Silvia Maria de Oliveira Pavão, Tatiane Negrini (org.) Atendimento educacional especializado para AH/SD. - Santa Maria: FACOS - UFSM, 2018.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa:** método qualitativo, quantitativo e misto Porto Alegre: Artmed. 2010

CHIZZOTTI, A A Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais aplicadas: evoluções e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, 2003 16 (2) p. 221- 236 Universidade do Minho.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, B. A. ; CHACON M. C. M. Identificação de características de AH/SD apresentadas por alunos matriculados em escolas do Ensino Regular. **Anais. Resumo IX ANPED SUL 2012.**

Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbee/a/BjsNxNZfz4yBkQMsWkT9GSB/?lang=pt>
Acesso em 01 set. 2020.

GERHARDT T. E. SILVEIRA D. T. Métodos de pesquisa; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NEGRINI, T. Altas Habilidades /Superdotação: conceitos e características. In: Atendimento educacional especializado para AH/SD Ana Cláudia Oliveira Pavão, Silvia Maria de Oliveira Pavão, Tatiane Negrini. - Santa Maria: FACOS - UFSM, 2018

SAKAGUTI, P. M. Y. BOLSANELLO M. A. O papel do professor na aprendizagem do superdotado: relato de experiência. **Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial.** Universidade Federal do Paraná. 2009.

VIEIRA, N. J. W. ; FREITAS, S. N. Diferentes modos de narrar os sujeitos da educação especial: Um pouco da história do atendimento das AH/SD no Rio Grande do Sul.

WECHSLER, S. M, SUAREZ, J. T. Percepção de professores em cursos de formação sobre talentos/superdotação. **Rev. psicol.** (Lima) vol.34 no.1 Lima jan./jun. 2016

Apêndices

Apêndice 1

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: **A Percepção dos professores da UFSM sobre as AH/SD**

Pesquisador responsável: Prof. Dra. Tatiane Negrini e Bibiana Ennes Pozzebon

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: (55) 996 185 545

Local da coleta de dados: Remoto. Através de videoconferência.

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de entrevista, através de videoconferência.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 16, Departamento de Educação Especial, 97105-970 - Santa Maria - RS., por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Tatiane Negrini e Bibiana Ennes Pozzebon. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em/...../....., com o número de registro Caae

Santa Maria, 29 de outubro de 2020

.....

Assinatura do pesquisador responsável

Apêndice 2

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, _____, abaixo assinado, responsável por _____ da UFSM, autorizo a realização do estudo **A Percepção dos professores da UFSM sobre as AH/SD** a ser conduzido pelos pesquisadores Bibiana Ennes Pozzebon, acadêmica do curso de Educação Especial noturno, com orientação da Prof. Dra. Tatiane Negrini.

O estudo só poderá ser realizado se aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Santa Maria, 29 de outubro de 2020.

Nome, cargo e lotação

(carimbo)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: **A Percepção dos professores da UFSM sobre as AH/SD**

Pesquisador responsável: Tatiane Negrini e Bibiana Ennes Pozzebon

Instituição/Departamento:

Telefone e endereço postal completo: 55 996185545 - Rua Senador Cassiano do Nascimento, 51. Santa Maria - RS

Local da coleta de dados: Remoto. Através de videoconferência.

Eu, Bibiana Ennes Pozzebon, responsável pela pesquisa **A Percepção dos professores da UFSM sobre as AH/SD** o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Por meio desta pesquisa pretende-se compreender a percepção dos professores do curso de Educação Especial noturno da Universidade Federal de Santa Maria sobre o sujeito com altas habilidades/superdotação (AH/SD). Acreditamos que ela seja importante pelo baixo número de artigos, publicações, artigos e pesquisas focadas na formação de professores para o atendimento educacional especializado de alunos com AH/SD, e influenciada por estudos na área da AH/SD que sugerem que “os futuros professores não estão adequadamente preparados para ensinar alunos talentosos e superdotados em suas salas de aula”(MUGLIA e TONETE, 2016, p.55) Para o desenvolvimento deste estudo será feito o seguinte: entrevista através de videoconferência. Sua participação constará em responder as perguntas da entrevista. A entrevista será realizada remotamente e será gravada.

Sendo sua participação voluntária, você não receberá benefício financeiro. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos dos participantes por se tratar de uma pesquisa que lida com suas percepções sobre um determinado alunado. Desta forma, caso ocorra algum problema decorrente de sua participação na pesquisa, você terá acompanhamento e assistência pela pesquisadora informando os passos e resultados prévios durante a realização da pesquisa de forma gratuita. Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Os benefícios que esperamos como estudo são eliminar barreiras atitudinais e fortalecer o conhecimento de todos sobre as AH/SD

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Autorização

Eu, [nome completo do voluntário], após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expressei minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local,

Apêndice 4

1. Roteiro de Entrevista:

1. Qual é sua formação e continuada?
2. Durante sua formação o tema Altas Habilidades/Superdotação foi abordado?
3. Quais as três primeiras palavras (ou frases) que lhe vêm à cabeça sobre o assunto: Altas habilidades/Superdotação.
4. Você conhece alguém com AH/SD? Tem e/ou já teve alunos diagnosticados? Como foi a experiência com esse aluno?
5. Como você entende que o ensino para os alunos com AH/SD poderia ser qualificado?
6. Como você acredita que os alunos com AH/SD no ensino superior poderiam ser mais incentivados, especialmente neste contexto da pandemia?